

UM PROJETO COM VÍDEOS ESCOLARES COMPARTILHADOS NO YOUTUBE

Autora: Gabrielle Clara de A. Freitas¹; Orientadora: Maria da Conceição Silva Soares²

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro, gabi.clara95@gmail.com)

Introdução

A pesquisa *Audiovisualidades e redes de significações sobre gênero e sexualidade tecidas na formação de professoras/es: um estudo com vídeos escolares contra homofobia compartilhados no Youtube*, que teve início em 2015, busca investigar e problematizar, através de vídeos coletados no YouTube com origem em diversas regiões do país e diferentes níveis de ensino de escolas públicas e particulares, redes de conhecimentos sobre gênero e sexualidade tecidas nas escolas e nos diferentes contextos da formação, assim como, intervir nas redes de significações tecidas na formação de professores/as, *dentrofora* do curso de Pedagogia da UERJ.

Seu propósito é contribuir com *prácticasteorias* que buscam pensar, desnaturalizar e combater a homofobia - entendida aqui e no referido projeto como a discriminação, a inferiorização e a violência contra mulheres, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis e demais pessoas consideradas como desviantes em relação aos modos hegemonicamente legitimados de experimentar as potências do corpo - num momento político em que direitos civis conquistados são ameaçados por uma onda conservadora.

A homofobia “não é somente um sentimento individual, mas é produto de modos de perceber, significar e agir que se engendram de modo ambíguo e paradoxal na cultura, no seio das diversas instituições, entre elas as ciências, as mídias e as escolas.” (SOARES et al., 2016).

Dessa forma

“para combater a homofobia e todo tipo de violência e exclusão que ela engendra, especialmente no campo da educação, se faz necessário problematizar e desconstruir os discursos e as práticas cotidianas que fabricam e naturalizam a diferença entre os sexos-gêneros, forjando, com essa diferença, a heterossexualidade como a única forma possível e legítima de desejo, afeto e prazer, e, desta forma, como padrão de normalidade”. (SOARES et al., 2016).

Com o Apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) a pesquisa está sendo desenvolvida pelo GRPESQ CNPq Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença (CUNADI), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenado pela professora doutora Maria da Conceição Silva Soares.

¹ Estudante de Graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Bolsista PIBIC/UERJ e integrante do GRPESQ CNPq Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença. Orientanda da Professora Maria da Conceição Silva Soares. E-mail: gabi.clara95@gmail.com.

² Professora Adjunta da Faculdade de Educação e do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Rio de Janeiro, UERJ. Coordenadora do GRPESQ CNPq Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença. E-mail: ceicavix@gmail.com.

Metodologia

Parte da pesquisa se deu durante as aulas da graduação na matéria Pesquisa e Prática Pedagógica - Subdividida ao longo de quatro semestres como I, II III e IV - do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A primeira etapa se dividiu em duas atividades, "Memórias filmicas" e "Top Five", em ambas trabalhou-se com memórias filmicas narradas pelas alunas e comentadas em rodas de conversas. O que permitiu o mapeamento dos filmes mais assistidos pelas alunas e as apropriações mais comuns destas.

Em "Memórias filmicas" as estudantes fizeram anotações e apresentaram memórias ligadas a filmes, sendo eles de cenas de/no cinema, isto é, que estivessem ligadas ao que foi assistido ou ao momento em que se assistia. Entre as apresentações houveram comentários e perguntas. E em seguida, uma roda de conversa debatendo o conteúdo desses filmes. A apresentação foi gravada, os escritos recolhidos.

Em "Top Five" cada estudante fez uma apresentação de uma relação de cinco filmes favoritos. As apresentações se deram em vários formatos, sendo apresentações de slides e/ou vídeos curtos (trailers ou passagens) mais frequentes.

Em uma segunda etapa, as estudantes assistiram e debateram filmes relacionados a temática da homofobia. Orações para Bobby, Meninos não Choram, o curta Eu não quero voltar sozinho e o documentário Meu eu secreto. Os filmes foram seguidos de leituras bibliográficas que abordam suas temáticas ou as próprias produções.

"Meninos não choram": um comentário antropológico sobre uma história homofóbica, da Professora Doutora Zulmira Newlands Borges; *Cinema e Sexualidade*, de Guacira Lopes Louro; e *Corpos que pesam*, de Judith Butler, que é um dos capítulos do livro *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, foram algumas dessas leituras.

Na terceira etapa, que diferentes das anteriores não se deu na sala de aula da graduação, mas durante reuniões do GRPESQ CNPq CUNADI, foram baixados os 100 primeiros vídeos achados a partir do uso da chave de busca "trabalho homofobia" entre aqueles compartilhados no site YouTube.

Na quarta, também durante os encontros do GRPESQ CNPq CUNADI foi iniciada a análise de tais vídeos.

Na quinta, foi realizada uma Curadoria pelas estudantes da graduação. Embasadas na leitura de "Homofobia - História E Crítica De Um Preconceito" de Daniel Borrillo, buscaram vídeos de trabalhos sobre homofobia postados no Youtube para apresentar e discutir em sala. As apresentações foram filmadas e trabalhos escritos foram entregues, contribuindo assim para o corpus da pesquisa. Além disso pode-se observar e pensar a apropriação e a reflexão das estudantes.

Na sexta etapa, as estudantes se dividiram em dois grupos, ficção e documentário, para produzir dois audiovisuais com a proposta de combate a homofobia. O que consistiu na avaliação final delas daquela matéria. A ficção foi intitulada "LUIZA" e o documentário, "Documentário - Gênero e Orientação Sexual na Escola".

Resultados e Discussão

Embora parte do material, como as gravações do processo de produção dos vídeos da sexta etapa, ainda deva ser analisado. A análise dos vídeos baixados do Youtube já teve início.

Os 100 primeiros vídeos foram baixados e salvos em pastas individuais acompanhados de uma ficha onde constam informações, algumas dadas pelo próprio site, - como data da postagem, número de visualizações, comentários, tempo de duração - e outras disponibilizadas, ou não, pelos produtores dos vídeos - autores, escola, região, níveis de ensino, disciplina, tema transversal, recursos técnicos - ou pelo usuário da conta que o postou quando as informações acompanham os vídeos.

Em muitos dos vídeos já visualizados não é indicada a instituição ou a disciplina para qual foram produzidos. Também não são feitas referências aos textos ou as imagens - não autorais - utilizadas.

Até o momento as produções são feitas predominantemente em quatro formatos ou nas mesclas deles. O primeiro se caracteriza por ser composto por imagens, textos e música. Enquanto canções pops contemporâneas são ouvidas as imagens, que se repetem em vários vídeos, e textos, que muitas vezes são frases de efeito clichês como “Homofobia mata!” ou “Homossexualismo não é doença!”, passam no que se assemelha a uma apresentação de slides. Uma sequência de quadros que às vezes são acompanhadas de efeitos de transição.

“As fotografias de arquivos da internet mais usadas nesses vídeos remetem às paradas gays, bandeiras do arco-íris em diferentes formatos, imagens de vítimas de violência homofóbica e imagens de casais homossexuais em cenas de afeto.” (SOARES et al., 2016).

O segundo formato entre aqueles que se destacaram apresenta além das características do primeiro formato, o uso em sua composição entre outras produções de vídeo ou partes destes. Peças publicitárias, reportagens que denunciam violências contra homossexuais e transexuais, cenas de filmes ficcionais ou fragmentos de documentários.

Esses dois formatos apresentam semelhança a lógica dos trabalhos de produção de cartazes, um recorta e cola, uma montagem que cria novas composições.

“A diferença, talvez, é que com a internet as possibilidades e as facilidades se multiplicam. Imagens, palavras, músicas e textos se impõem a nós como representativas da temática pesquisa quando digitamos o que procuramos em sites de pesquisa, como o Google, que, de certa forma, se tornou co autor de muitas composições.” (SOARES et al., 2016).

O terceiro formato é aquele que leva em si ou é feito preponderantemente de depoimentos. Sejam dos próprios estudantes, de seus familiares, seus amigos gays, de professores e especialistas. Audiovisuais ou imagens estáticas acompanhadas de som e/ou legenda que denunciam preconceitos, que abordam maneiras de enfrentá-lo.

O quarto formato é os de vídeos de ficção, tanto aqueles elaborados para serem sua própria apresentação e aqueles filmam apresentações ao vivo. Histórias sobre bullying e violência físicas contra jovens homossexuais, personagens caricaturados e com estereótipos. Finalizadas muita vez com cenas de bastidores ou erros de gravação que deixam claro o caráter ficcional do que foi apresentado, como uma espécie de compensação e justificação. Mas que apesar disso “é sempre uma experiência que impulsiona desnaturalizações em relação ao gênero e à sexualidade.” (SOARES et al., 2016).

Conclusões

Os dispositivos de produção de imagem e as mídias colaborativas já alcançaram o *espaçotempo* da escola, potencializando modos de contabilizar e narrar o mundo e disseminando conteúdos que atravessam práticas educativas e que acabam por integrar redes curriculares.

E mesmo que pressões sociais e políticas impulsionadas por discursos conservadores e homofóbicos mantenham medidas como o *Kit de Combate à Homofobia nas Escolas*², que “se propunha a ser uma forma institucionalizada de lidar com o tema nas escolas” (SOARES et al., 2016), não tenham chegado a esse espaço graças a pressões sociais e políticas impulsionadas por discursos conservadores e homofóbicos, os vídeos compartilhados no Youtube e baixados durante a pesquisa mostram que “a discussão sobre as questões de gênero e sexualidade está presente nas escolas, e é empreendida, sem pedir licença, por professores e estudantes, de forma astuciosa nos cotidianos escolares.” (SOARES et al., 2016).

Referências

SOARES, Maria da Conceição Silva; REIS, Vinicus L.; FOLLY, Fabiana M. ; FERREIRA, Brenda. . **A homofobia em debate nas escolas e nas telas: um estudo com vídeos escolares compartilhados no Youtube.** In: 4º Seminário Internacional de educação e sexualidade, 2016, Vitória. O que temos feito de nós. Vitória: UFES, 2016. v. 1. p. 1-15

² O *Kit de Combate à Homofobia nas Escolas* fazia parte do projeto *Escola sem Homofobia* criado pela SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), do Ministério da Educação (MEC). Sua distribuição a escolas da rede pública de educação era parte da estrutura de um programa de Governo Federal chamado *Brasil sem Homofobia*, lançado no governo Lula.